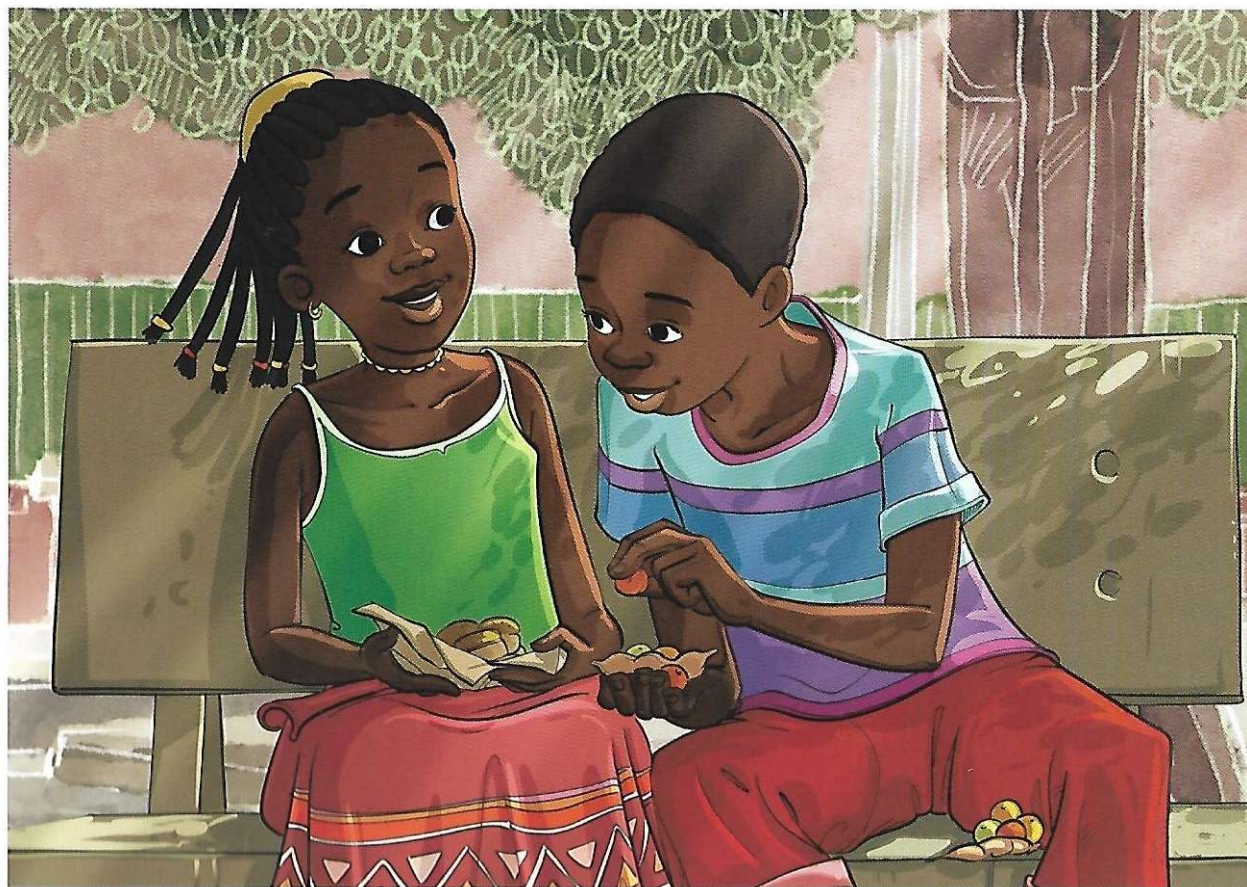


Maria Celestina Fernandes

OS DOIS AMIGOS

Ilustração de **Fernando Hugo Fernandes**





ISBN 978-989-611-902-7

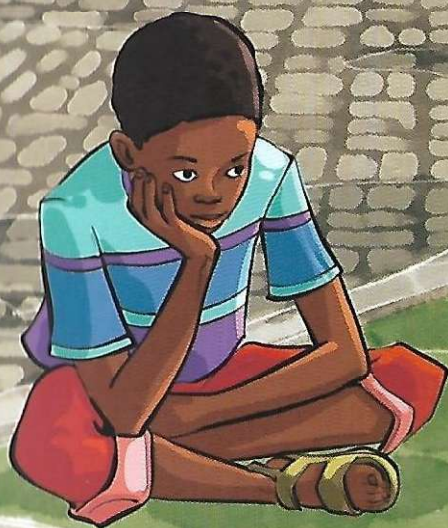


Esta é a história do Marito e da Ju, o menino
e a menina que se conheceram num jardim e se
tornaram bons amigos.

Tudo aconteceu muito inesperadamente!



O Marito sentia a falta de alguém com quem pudesse falar à vontade, alguém para partilhar as coisas que aconteciam no dia-a-dia, como os bons resultados na escola, os castigos, as estigas, as brincadeiras, os segredinhos, as histórias que a vovó Pancha inventava e contava à hora de ele se ir deitar com voz tão doce que lhe fazia pegar no sono rapidinho e ter sonhos lindos. Enfim! Cenas de kandengues que ora alegravam, ora entristeciam...



Houve um dia em que o Marito estava particularmente ansioso. Tinha uma boa novidade, mas, mais uma vez, buscou e rebuscou e não encontrou ninguém com disposição para o escutar como ele tanto desejava.

– Oh, se eu tivesse um bom amigo, dividia com ele isto que tenho aqui dentro! Costumo ouvir dizer que os amigos têm sempre tempo e paciência para escutar – falou para o coração, uma vez que só contava com ele no momento.

E ele foi ficando deveras desiludido; estava difícil encontrar um verdadeiro amigo...





Porém, passados poucos dias, estando o Marito sentado num banco do jardim, no Largo do Cruzeiro, eis que surgiu uma menina airosa e desembaraçada que aparentava ter a mesma idade que ele.

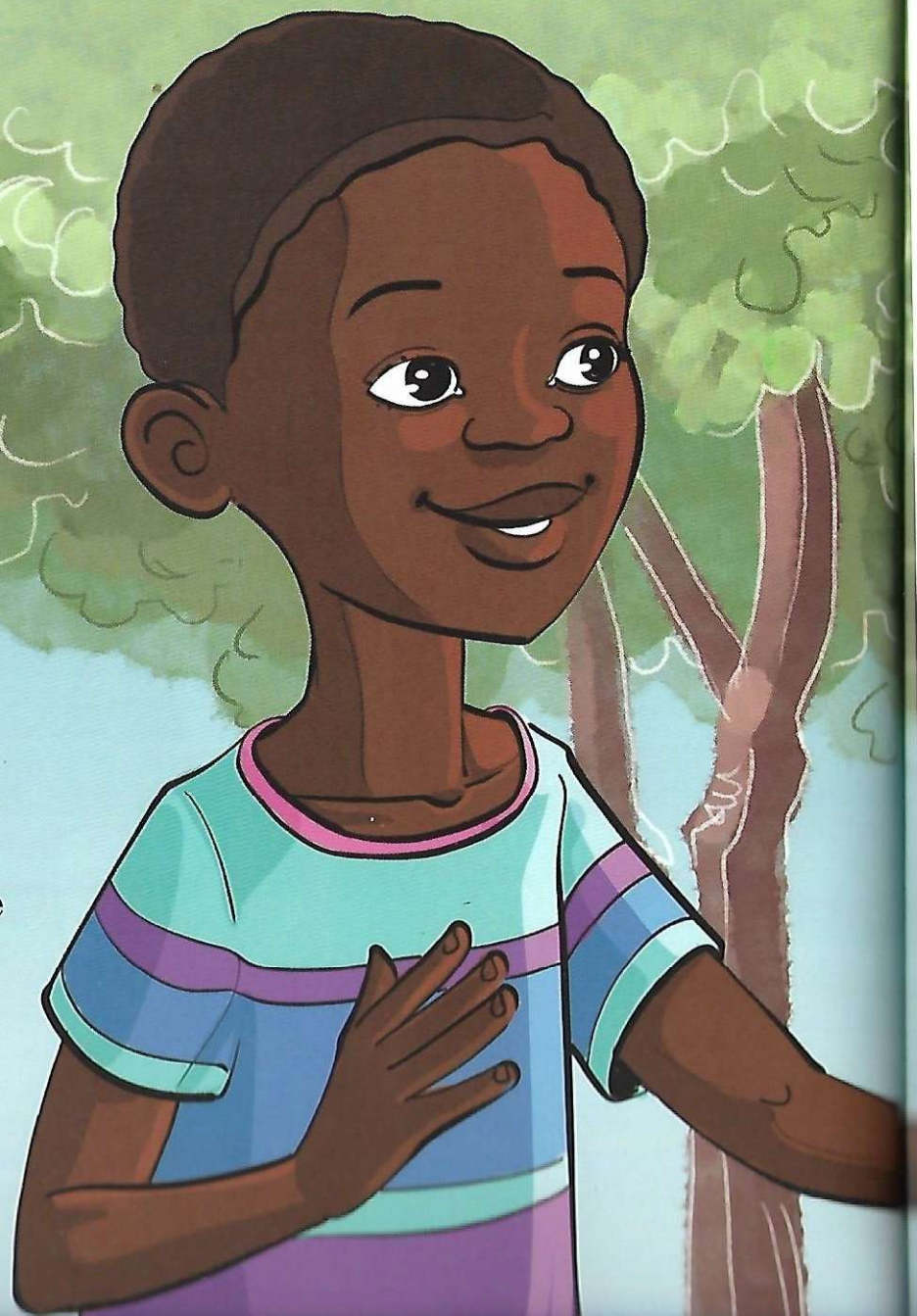
A menina olhou para o rapazinho solitário e sorriu-lhe. Foi um sorriso tão afável que logo o cativou. O Marito viu naquele gesto um convite para se aproximar e, encorajado, levantou-se e dirigiu-se para ela.



E a menina, sempre risonha,
estendeu-lhe a mão e ambos
rodearam pelo largo. Parecia que
já se conheciam há muito. A isso
chama-se empatia.

– O meu nome é Ju. E tu,
como te chamas?

– Eu chamo-me Marito –
apresentaram-se.









Foram conversando. Ficaram a saber onde cada um morava e o que faziam.

– Eu moro mesmo ali – disse a Ju, apontando para uma moradia defronte ao jardim.

– Olha, eu moro lá do outro lado, no Bairro Operário. Passo por aqui todos os dias quando vou e volto da escola e, por vezes, sento-me para descansar um pouco.

Após a conversinha de apresentação, eles foram sentar-se à sombra de uma frondosa figueira, carregada de figos vermelhos. A folhagem balançava suavemente, oferecendo uma aragem fresca.





A Ju repartiu com o Marito os biscoitos que trazia embrulhados num papel.

O Marito tirou dos bolsos as maçãs-da-índia e os tamarindos que apanhava num quintal perto da escola e ofereceu também à Ju.

Saboreavam as coisinhas enquanto tagarelavam, e cada um escutava o outro com carinho e interesse.

Depois, o Marito desafiou a Ju para uma partida de kiela.

– Jogar kiela? Eu não conheço esse jogo.

– É um jogo tradicional que o meu pai me ensinou. Vou ensinar-te,
Ju – disse o Marito, muito animado.

Procuraram pedrinhas, cavaram buraquinhos e o Marito foi
pacientemente ensinando o jogo, pondo e retirando as pedrinhas
com muita agilidade.

– É um pouco complicado, mas para a próxima vai ser melhor
– disse a Ju ao fim de algumas partidas, todas ganhas pelo parceiro.







Mas não ficaram só pela kiela. Depois, a Ju propôs jogarem ao zero-zero, a brincadeira de saltitar e tocar nos pés do parceiro ao ritmo das palmas.

– Espera, espera! Vamos ainda jogar à macaca – falou a Ju, bem entusiasmada.

Fizeram traços no chão e foram arremessando a malha. Nos dois jogos o ás foi a Ju.

– Espertalhona! Arranjaste estes jogos para te desforrares, não é? Mas não perdes por esperar – reclamou o Marito com um largo sorriso.

À brincadeira tinham ido juntar-se outras crianças lá do largo e todos se divertiram bué! Entretanto não faltava muito para o sol começar a alaranjar-se e o dia dar lugar à noite. Era hora de pararem...

Estavam cansados, mas aquele cansaço dava gozo, por isso separaram-se com pena. À despedida, com os olhos a brilhar de felicidade, o Marito voltou-se para a Ju e disse:

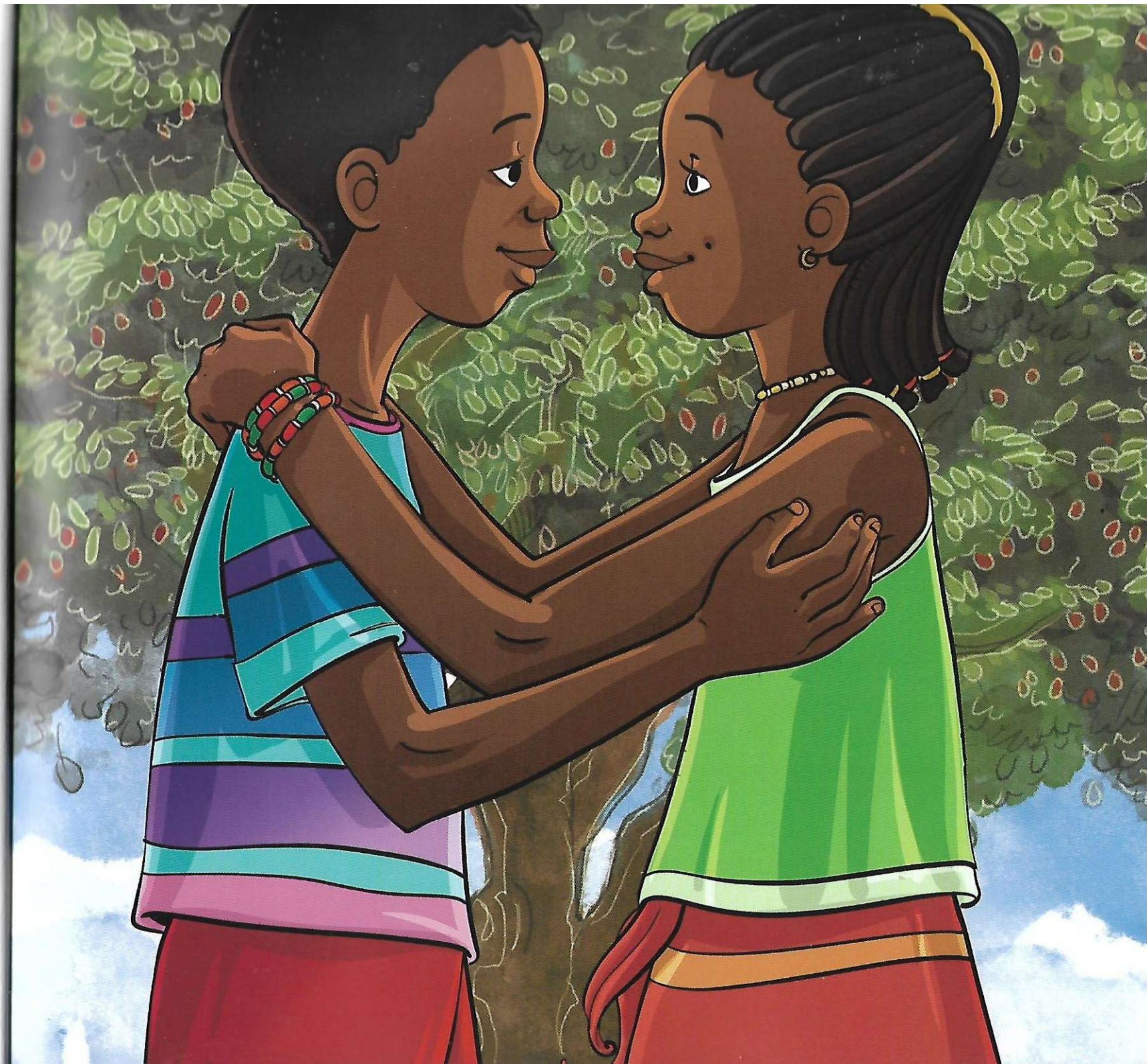
– Foi bom, não foi?

– Foi ótimo! – a Ju aplaudiu e acrescentou – A partir de agora somos amigos, sim?

– Pois somos... – reafirmou o Marito.

– Amanhã encontramo-nos aqui novamente – sugeriram ambos.

O Marito tinha finalmente encontrado uma amiga e ele era também amigo de alguém, que é ainda mais fixe!



Dali em diante, nunca mais se perderam de vista. Se passasse muito tempo sem se verem, sentiam saudades. E quando se encontravam era uma festa, havia sempre tanto para contar...

Confiavam e ajudavam-se mutuamente. Entre eles nunca havia turras feias. Quando não estavam de acordo, conversavam para conciliar as ideias, porque nem sempre as pessoas podem ver as coisas da mesma maneira.



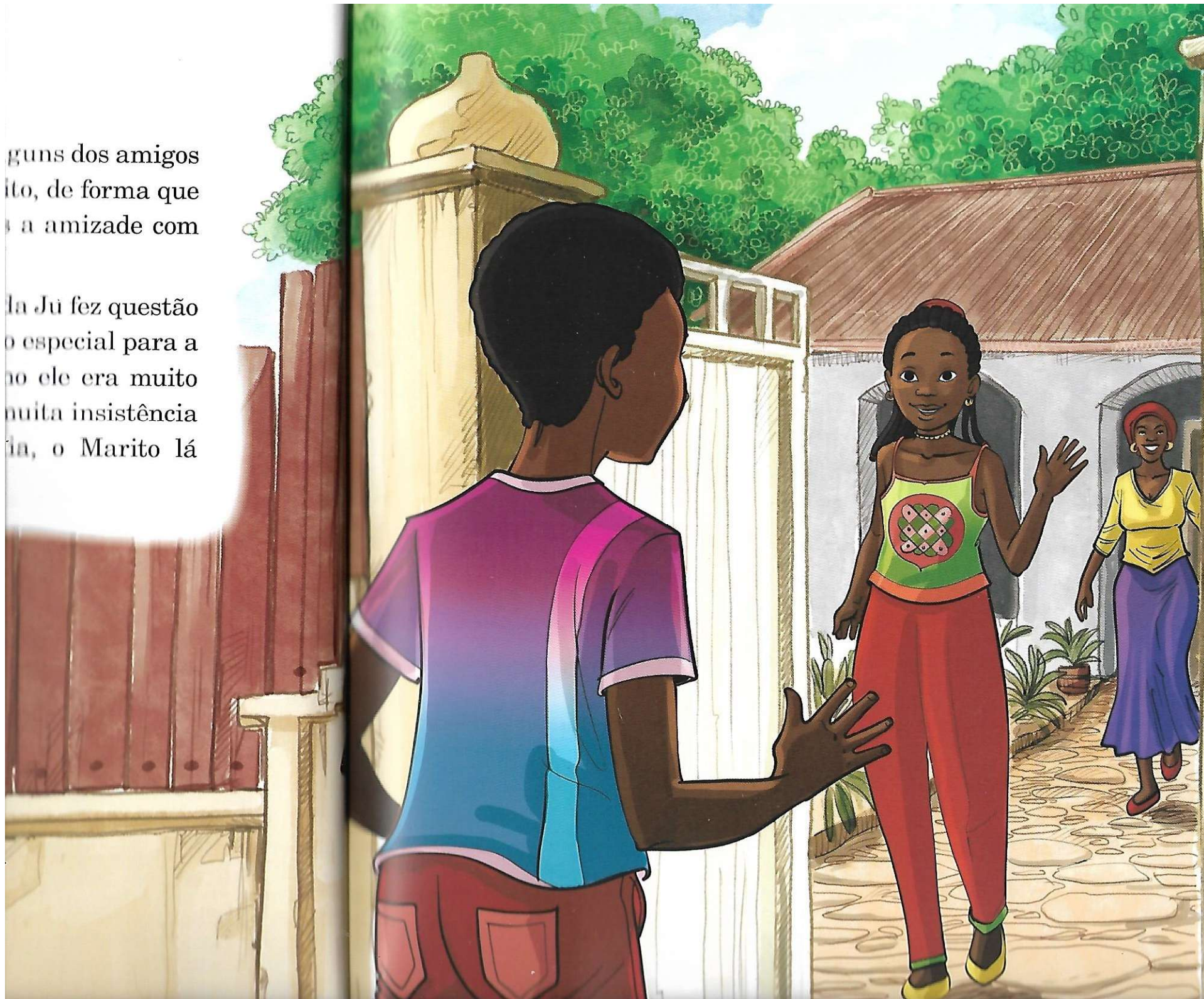


Os dois tinham compreendido
o que é realmente a amizade.
Isto não é maravilhoso?

Então, se ainda não achaste um
amigo, vai à procura. Viver sem
amigos é muito difícil. Na dificuldade,
o bom amigo consola e ajuda.

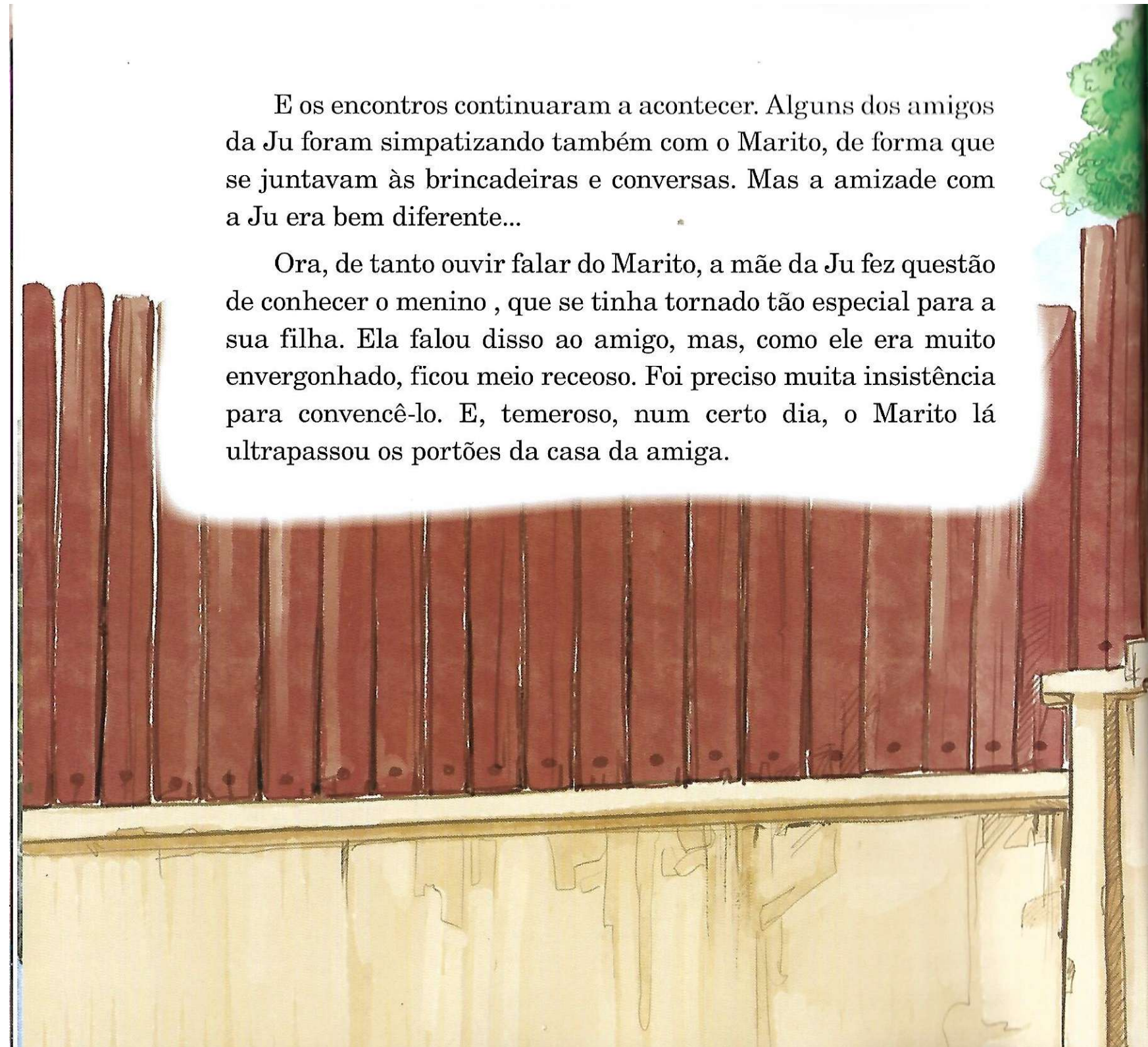
guns dos amigos
ito, de forma que
a amizade com

la Ju fez questão
o especial para a
no ele era muito
nuita insistência
ia, o Marito lá



E os encontros continuaram a acontecer. Alguns dos amigos da Ju foram simpatizando também com o Marito, de forma que se juntavam às brincadeiras e conversas. Mas a amizade com a Ju era bem diferente...

Ora, de tanto ouvir falar do Marito, a mãe da Ju fez questão de conhecer o menino, que se tinha tornado tão especial para a sua filha. Ela falou disso ao amigo, mas, como ele era muito envergonhado, ficou meio receoso. Foi preciso muita insistência para convencê-lo. E, temeroso, num certo dia, o Marito lá ultrapassou os portões da casa da amiga.



A mãe da Ju aguardava por ele e recebeu-o com um abraço e um sorriso rasgado. O riso da senhora fê-lo lembrar aquele primeiro lindo sorriso que recebeu da amiga.

“A filha é tão parecida com a mãe! São bonitas!”, pensou o Marito, com admiração, assim que encarou a senhora.

– Olá, Marito, como estás?

Deu a ideia de que já o conhecia há muito tempo e, atendendo à forma tão afectuosa como foi recebido, o Marito descontraiu-se, mas respondeu à saudação ainda um pouco tímido.

– Estou bem, obrigado, tia.

– Sou mesmo tia, a tia Cila, está bem?

– Eu já sabia o nome da tia; a Ju fala coisas bonitas de si. Diz que a mãe é bonita, bondosa e muito simpática; agora estou a ver que é tudo verdade – falou o Marito, já mais solto.





– Afinal, andam a falar de mim nas minhas costas, não é? – gozou a senhora.

O Marito não entendeu que era um mero gracejo e ficou meio encabulado, mas a Ju socorreu-o, dando o ar da sua graça.

– E gostou dos elogios ou não? Diga lá, mamã. Não gostou?

– Malandrecos! – a mãe atirou sorrindo.

– Gostou ou não? Ainda não respondeu – espicçou a filha.

– Quem não gosta de ser bem falado, elogiado? Toda a gente gosta, não é tia? E demais, quando é merecido! – opinou o Marito com convicção.

A resposta da mãe foi um beijinho na testa de cada um deles e, de seguida, foi servir o lanche. Beberam sumo de múcua e comeram biscoitos, tudo feito pela dona da casa.

– Está muito bom, tia! A minha mãe também costuma fazer sumo e gelado de múcua muito bons, é de comer e chorar sempre por mais. Qualquer dia trago para provarem.

– Ai é? Olha, também gostava de conhecer a tua mãe.

– A tia quer conhecer a minha mãe?! Eu vou dizer-lhe, mas agora tenho de ir. Muito obrigado pelo lanche e por me ter recebido tão bem.

– Vem sempre que quiseses.

– Está bem, tia. Muito obrigado!







– Estás a ver? Estavas com tanto receio! Eu não te dizia que a minha mãe era uma kota bué fixe?! – palavreava a Ju enquanto acompanhava o amigo até ao portão.

– Sim, tinhas razão. Mas até é de admirar, ela não sabia quem eu era, podia muito bem não aceitar a tua aproximação com um estranho. Era natural desconfiar, julgando que eu fosse um desses meninos de rua que andam por aí a fazer coisas feias.

– Alguns giram aqui pelo largo, até catam nos contentores. Não vão à escola nem nada, tenho tanta pena deles... Por vezes, até vêm bater à porta para pedir comida e água. A mamã dá sempre qualquer coisa, mas diz que isto não é solução.

– A tia tem toda a razão, a minha mãe também fala assim – reiterou o Marito.

– O ideal seria viverem em casa com a família e frequentarem a escola, tal como nós. Na rua só aprendem o que não presta – voltou a falar a Ju.

– Sim, e quem manda devia resolver rapidamente o problema dessas crianças. É bué triste... – falou, desolado, o Marito.

E a Ju botou uma fala de gente grande:

– Pois, não é só falar dos putos no Dia da Criança e estar sempre a repetir que é preciso dar à criança tudo o que ela merece, e blá, blá, blá... No colégio, a professora explicou que, no nosso país, para reforçar os direitos da criança, que são os direitos humanos que nos protegem, foram acrescentados os 11 compromissos com a criança.

– Sim, agora tenho visto na televisão pessoas a explicar os tais compromissos, um por um.

– Ai é?! Oxalá tudo melhore, para o bem de todas as crianças do país. Mas eu nunca vi nada sobre esses compromissos.





– Oh, nunca viste?! As pessoas ligam pouco à nossa rádio e à televisão. Lá em casa, com o meu avô, que não perde um noticiário, nós aprendemos que é muito útil acompanhar também o que se passa na nossa terra. Ficar agarrado só ao telemóvel nas conversas e nos jogos, dia e noite, não é nada bom.

– O teu avô pode ter razão, mas quem convence as pessoas?
– gracejou a Ju, acrescentando – Na verdade, estar sempre a olhar para o telemóvel não é nada bom mesmo! O meu irmão começou a ver mal e há dias o papá levou-o pela segunda vez ao oftalmologista, o médico da vista, e ele informou que estão a aparecer muitas crianças com o mesmo problema e é por causa de estarem demasiado tempo com os aparelhos. Aconselhou a proibir isso.

– Pois é, tem de haver limites, como tudo na vida, menina! Eh, eh, eh, tenho de ir. Já falámos demais. Tchau – escapuliu-se o Marito.

– Tchau, amigo – replicou a Ju.

E os laços de amizade foram-se fortalecendo...

Como não podia deixar de ser, o Marito andava eufórico e, após ter ido à casa da amiga, não se cansava de falar da forma tão amorosa como a tia Cila o tratara. E a mãe dele estava igualmente consolada.

– Meu filho, estou muito contente por teres feito uma linda amizade, andavas tão ansioso! Gostaria de conhecer essas pessoas e retribuir o carinho e a amizade que têm por ti.

– A mãe da Ju falou que também gostaria de conhecer a mamã – disse o Marito, e a mãe exclamou radiante:

– Que bom! Por mim é para já. Costuma dizer-se que quem nossos filhos beija nossa boca adoça.





– Da próxima vez que estiver com a Ju, vou pedir para marcarem o dia da visita.

– Sim, fala com ela. Nesse dia irei buscar-te à escola e passamos por lá.

– Boa! Óptima ideia. A mamã vai gostar delas.

E assim aconteceu, no dia aprazado, pontualmente, o Marito e a sua mãe apareceram. A mãe levava num balaiozinho alguns mimos que a kota Mariquinhas, avó paterna do Marito, fazia: paracucas, barrinhas de pé-de-moleque, quitaba e também uma garrafa de quissângua. A bessangana fazia aqueles quitutes para vender no mercado de São Paulo, e tanto ela como os produtos gozavam de boa fama lá no mercado.



Foi uma tarde muito bem passada. Enquanto as mães ficaram a conversar animadamente, os mais novos divertiram-se como sempre.

Depois, foi servido o lanche e todos saborearam com satisfação os bolinhos da anfitriã e os quitutes que os visitantes levaram.

As mães simpatizaram uma com a outra e, na hora da despedida, trocaram os números de telefone, prometendo manter o contacto. E não se cansavam de falar das virtudes e do desenvolvimento dos filhos.





A Ju e o Marito cresceram, e a amizade de infância perdurou. Mantiveram-se em contacto, quer pessoalmente quer através do telefone ou da Internet. Nada esmoreceu, nem quando ele se mudou para uma nova urbanização, num bairro mais distante, nem mesmo depois de ganhar uma bolsa para ir estudar para Cuba.

Os relatos que o Marito fazia da ilha caribenha eram tão pormenorizados e precisos que a Ju ficou a conhecê-la, como se já lá tivesse estado.





E, quando se casaram, a amizade estendeu-se, de forma natural e linda, pelas famílias constituídas por ambos.

Não restam dúvidas, a verdadeira amizade não tem prazo de validade. Ela é para toda a vida.

Ter amigos é mesmo bom demais...



Biografia

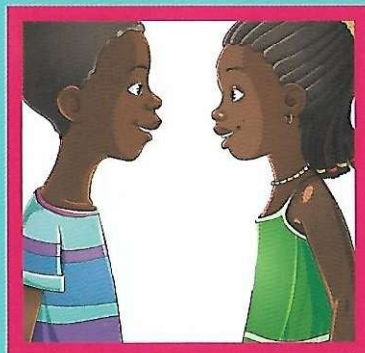
Maria Celestina Fernandes nasceu no Lubango, província da Huíla, Angola, mas foi em Luanda onde cresceu e reside. É assistente social e licenciada em Direito.

Tem obras publicadas em prosa e em poesia, em Angola e no exterior, com destaque para a literatura infantil e juvenil. Já foi distinguida com menções honrosas, prémios e nomeações para o prémio sueco Astrid Lindgren. O Ministério da Cultura outorgou-lhe o Diploma de Mérito pelo seu contributo à cultura nacional. A obra *A árvore dos gingongos*, que faz parte dos 11 clássicos da literatura infantil angolana, foi distinguida no Brasil com o Diploma Altamente Recomendável pela FNLIJ – Fundação Nacional do Livro para a Infância e Juventude do Brasil.

Venceu os concursos literários “Chá de Caxinde” do Conto e Jardim do Livro. Em 2019, recebeu o Globo de Ouro Angola na categoria de Literatura. Em 2023, foi-lhe outorgado, pelo Governo Provincial de Luanda, o Diploma de Mérito pelo seu contributo no desenvolvimento e valorização da arte infantil e, nesse mesmo ano, recebeu o prémio Mulher de Mérito pela excelência, competência e proactividade. Tem participações em antologias. É membro da União dos Escritores Angolanos.

Algumas das suas obras foram traduzidas para inglês, sueco, italiano, coreano e árabe. *A árvore dos gingongos*, *Kalimba*, *A filha do soba*, *A lagoa misteriosa*, *A disputa entre o vento e o sol e outras histórias*, *O grande encontro*, *As amigas em Kalandula*, *Kambas para sempre*, *A rainha tartaruga*, *É preciso prevenir*, *Jardim do livro*, *Sonhando*, *A estrela que sorri* e *Colectânea de contos* são algumas das obras da autora.





OS DOIS AMIGOS

Os dois amigos é uma história que fala da importância da amizade na vida das pessoas, do sentimento de amor, solidariedade, interajuda e empatia que dela fazem parte.

Marito e Ju conheceram-se na infância e tornaram-se grandes amigos. Num momento difícil da sua vida, Marito conhece Ju e constata quão gratificante é ter uma amiga, com quem pode contar na dificuldade e na tristeza.

Esta amizade perdurará até à idade adulta, acabando por se estender às suas famílias.

“Se passasse algum tempo sem se verem, pensavam um no outro e sentiam saudades. Eles tinham compreendido o que é, realmente, a amizade...”

HISTÓRIAS PARA O MEU CAÇULA

OS DOIS AMIGOS

MARIA CELESTINA FERNANDES

ILUSTRAÇÃO DE FERNANDO HUGO FERNANDES

